COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO MAR. MASCARENHAS DE MORAES

Tacito Theophilo

A 13 de novembro de 1883, nasceu João Baptista Mascarenhas de Moraes, na histórica cidade gaúcha de São Gabriel, região de terras férteis, ocupadas pelos ameríndios até a expulsão das reduções jesuíticas (1765), por onde passaram os combatentes de Passo do Rosário (1827), os destemidos farroupilhas (1844/5) os soldados de Caxias e a comitiva de D. Pedro II, a caminho de Uruguaiana.

Aos 10 anos, o jovem João Baptista mudou-se para Porto Alegre, acompanhando seus pais que se refugiavam dos azares da revolução de 1893. Mas, não esqueceu sua cidade natal, importante guarnição militar, desde os tempos das escaramuças com nossos vizinhos platinos e da prolongada guerra com o Paraguai.

Perseguindo sua vocação militar, trabalha e estuda, preparando-se para ingressar na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo. "Minha memória descortina no passado longínquo dos últimos dias do Império, o desfile, a pé, do glorioso regimento de artilharia, que, com as suas fardetas ajustadas, guritões de verniz, gravatas de couro e calças alvíssimas, se dirigia garboso à igreja matriz para ouvir a missa dominical. Assim começou minha infância, deslumbrada pelo brilho das espadas e o vibrar dos clarins. Daí meu pendor pela carreira das armas, à qual sempre procurei servir com lealdade e dedicação."[1]

Após três anos em Rio Pardo e outros dois na Escola Militar do Brasil, na Praia Vermelha, ascende ao posto de Alferes-aluno, por ter sido aprovado plenamente (Graus entre 6 e 9) em todas as matérias.

Freqüentava o último ano do Curso Geral das Três Armas quando rebentou a revolta da Escola contra a obrigatoriedade da vacinação, que os positivistas consideravam um atentado à liberdade individual.

O Alferes-aluno João Baptista recusa-se abertamente a participar do movimento. "Essa foi a primeira revolução a que assisti e contra a qual me mani-

---

[1] Mar. Mascarenhas de Moraes, **Memórias** Vol. I, pág. 13. Bibliex e José Olímpio, 1969.

festei lealmente, na plena convicção de que não cabia ao Exército, e muito menos aos cadetes da Escola Militar, intervir pelas armas na direção política do país."[2]

Fechada a Escola, foi Mascarenhas mandado à tropa como soldado, até poder retornar à Praia Vermelha a fim de terminar o curso. Promovido, foi servir no 1º Regimento de Artilharia de Campanha, em São Gabriel. Um ano mais tarde, na Fortaleza de São João, recebeu os galões de 2º Tenente. Nessa ocasião passa à disposição do Ministério do Exterior e se incorpora à Comissão de Limites do Brasil com a Bolívia, sob a Chefia do Almte. José Cândido Guillobel, que inicia seus trabalhos "pela determinação das coordenadas geográficas de Corumbá e de outros pontos notáveis da fronteira".[3]

Retorna ao Rio de Janeiro, diploma-se em Estado-Maior e Engenharia Militar, é promovido a Primeiro-Tenente e volta à Comissão de Limites, já então demarcando a fronteira no Acre. Não era fácil a vida na selva, dormindo ao relento, enfrentando as noites frias ou muito úmidas, conduzindo na mochila a rede, o mosquiteiro, a roupa de muda, a bússola e, no lombo da alimária, os gêneros, os medicamentos, as armas e munições para a caça. Subindo rio, cruzando igarapés, costeando suas margens, ajudando os bravos desbravadores residentes naquelas terras, o Tenente Mascarenhas parecia muito feliz, pelo que se depreende, ao assinalar a passagem dos seus 30 anos: "Após o café da manhã, aprestei-me para iniciar o serviço. Tomei da caderneta para registrar a data da jornada. Escrevi: 'Abunã (margem brasileira), 13 de novembro de 1913, 7 horas'. Qual não foi a minha surpresa ao perceber que a data registrada era a de meu aniversário natalício! A manhã quente do belo dia parecia saudar-me com aquela agradável surpresa, imprimindo-me confiança em tão honrosa faina."[4]

É longa e cheia de ensinamentos a existência de Mascarenhas de Moraes. Ao retornar da fronteira, contrai matrimônio com Adda Ribeiro Brandão, união que duraria até o desaparecimento da grande senhora e fiel companheira. Promovido por merecimento galga os diversos postos da hierarquia. Sua austera vida castrense e sua rígida formação moral permitem-lhe atravessar uma época de grandes transformações políticas, assinaladas pelas Revoluções de 1922, 1924 e 1930, sem afastar-se de sua conduta legalista. Registraria em suas "Memórias" com indisfarçável orgulho: "Sob meu comando, pela primeira vez no Brasil, os cadetes da Escola Militar saíam do quartel para defender

---

2 Mar. Mascarenhas, op. cit., pág. 17.

3 Mar. Mascarenhas, op. cit., pág. 27.

4 Mascarenhas de Moraes, op. cit., pág. 44.

a ordem e as instituições".[5] Referia-se aos acontecimentos de 27 de novembro de 1935, quando Coronel-Comandante, informado, às 2 horas da manhã, de que eclodira um movimento de caráter comunista na Escola de Aviação, manda tocar alvorada e fala aos cadetes. Ao clarear do dia dispõe seus comandados barrando as estradas que conduzem ao Campo dos Afonsos e prende dois fugitivos que haviam chefiado a revolta.

Do Realengo sairia para assumir o comando interino da 9a. RM no qual é confirmado ao ingressar no generalato. Sua terceira comissão, como General de Brigada, é o Comando da 7a. Região Militar, que compreendida os Estados do Nordeste, desde Alagoas ao Maranhão, e a ilha Fernando de Noronha. Assume suas novas funções a 21 de junho de 1940 e nelas permanece até 29 de janeiro de 1943. A Guerra na Europa alastra-se rapidamente. A Alemanha domina todo o continente, com exceção da península ibérica. Apenas a Inglaterra resiste. Intensifica-se a guerra nos sete mares e os submarinos alemães e italianos inflingem pesadas perdas aos ingleses. A cada dia tornava-se mais difícil assegurar nossa neutralidade. O Saliente Nordestino apresentava-se como presa fácil a qualquer ação hostil do inimigo já que se encontrava totalmente desamparado.

Nas capitais de cada um dos sete Estados, apenas um Batalhão de Caçadores com armamento obsoleto. Poucos artilheiros e engenheiros entre os 6 mil soldados que guarneciam o Nordeste; Fernando de Noronha, nossa sentinela avançada, totalmente abandonada.

Apercebeu-se do perigo o Gen. Mascarenhas e se lançou à tarefa de equipar o território e conscientizar as autoridades e a população sobre o perigo a que estavam expostos. Utilizando-se de um monomotor Waco vermelhinho de nossa Aviação Militar, deslocava-se para os mais distantes sítios, no litoral e no interior, a fim de inspecionar a tropa que chegava do Sul, melhorar seus acantonamentos, estabelecer a defesa imediata de certos trechos de praia. Ia assim equipando o território com instalação de hospitais, depósitos de combustíveis, paióis de munição, quartéis. Quando menos se esperava o ronco de motor alertava-nos sobre a chegada do incansável e rigoroso Chefe.

A situação se agravou com o ataque japonês a Pearl Harbor, a 7 de dezembro de 1941. Já havíamos perdido elevada tonelagem de nossa arqueação naval, quando ocorreu o torpedeamento de navios dentro dos limites de nossas águas territoriais. Mascarenhas classifica de "Criminosamente ingênuas as autoridades militares brasileiras em admitir que submarinos inimigos pudessem assistir, impassíveis, àquele transporte de tropa, feito às escâncaras, do Rio para o Nordeste!"[6]

---

5 Mar. Mascarenhas de Moraes, op. cit., pág. 96.

6 Mar. Mascarenhas de Moraes, op. cit., pág. 111.

Não obstante, vencendo todos os obstáculos, ao passar o comando da 7a. RM, Mascarenhas deixa 50.000 homens guarnecendo o Saliente Nordestino. Na 2a. Região Militar, em São Paulo, recebe o radiograma do Ministro da Guerra consultando-o se aceitaria comandar uma das Divisões do Corpo Expedicionário Brasileiro. Contesta imediatamente: "Muito honrado e com satisfação respondo afirmativamente consulta V. Exa. acaba fazer-me."[7]

Começou nessa tarde de 10 de agosto de 43 a luta do General para organizar a Divisão Expedicionária. Dispúnhamos apenas de unidades hipomóveis, ultrapassadas, que tiveram de ser reorganizadas, instruídas, reunidas no Rio de Janeiro, embarcadas e, em chegando à Itália, equipadas e armadas. Não lhe faltaram forças, energia e decisão e, para além-mar, seguiu com o primeiro transporte que deixou o Rio de Janeiro, levando um "Combat Team". Esse Grupamento Tático foi empregado inicialmente ao N. de Pisa, no vale do Serchio, sob o Comando do Gen. Zenóbio de Costa, mas, com a chegada dos outros Grupamentos, o primeiro cuidado do Gen. Mascarenhas foi reunir sua Grande Unidade. Em breve a 1a. DIE estava em linha, distendida numa frente de 15 km, nas encostas dos Apeninos. Sem perda de tempo, o Comando que a enquadrava começou a determinar a realização de operações. Primeiro, ao lado de uma unidade norte-americana, a "Task Force 45"; depois, sob sua própria responsabilidade. Foi assim que o Gen. Mascarenhas teve que atacar Monte Castelo em condições muito desfavoráveis e, mesmo depois do insucesso, voltar ao ataque. O frio, a chuva, a lama, o sangue derramado, o malogro das operações, tudo conspirava contra o moral do combatente. Também o nosso Comandante recebeu o impacto dos reveses sofridos nos dias 29 de novembro e 12 de dezembro que registravam 26 mortos, 205 feridos e 138 desaparecidos, totalizando mil baixas em 28 dias. Chegou a pensar em deixar o comando e regressar ao Brasil, idéia que logo abandonou diante das "palavras repassadas de sinceridade e afeto"[8] de seu subordinado e amigo Gen. Cordeiro de Farias que o convenceu a continuar à frente dos seus comandados.

No dia 15 o Gen. Mascarenhas visitou o QG Recuado, em Pistóia. Circunspecto, como de costume, pediu que a Banda executasse músicas alegres, cumprimentou os oficiais e saiu para o Hospital de campanha onde realizou demorada visita aos baixados, indagando o que ocorrera a cada um, animando-os. Não conseguia esconder totalmente sua tristeza, mas seu moral era elevado e sua confiança em recuperar a tropa e levá-la à vitória já se percebia em sua atitude.

---

7 Mar. Mascarenhas de Moraes, op. cit., pág. 127.

8 Mar. Mascarenhas de Moraes, op. cit., pág. 227.

"O ataque do dia 12, como os anteriores, evidenciou o insucesso de ações isoladas, com meios escassos, sobre Monte Castelo. Para calar a resistência desse baluarte germânico era preciso atacar o conjunto Belvedere-Gorgolesco-Castello-Torraccia, empregando um mínimo de duas Divisões, bem apoiadas em artilharia e aviação. Defender uma frente de quinze quilômetros, francamente dominada pelo inimigo, e simultaneamente atacar um objetivo da extensão e do valor de Monte Castelo, mal dispondo das comunicações na sua zona de combate e sob uma terrível ameaça no flanco (Monte Belvedere), eram duas tarefas que sobremaneira exorbitavam da capacidade de uma Divisão. Esta opinião, firmemente defendida pelo chefe brasileiro perante o comando do IV Corpo, foi afinal vitoriosa."[9]

Durante o inverno, o combatente brasileiro se transformou e, fustigava o inimigo nas ações de patrulha, nos "golpes de mão", nos encontros na "terra de ninguém". Quando o sol começou a derreter na neve o "pracinha" deixou seu "fox hole" e o Gen. Mascarenhas, com seu estilo próprio de comando, assumindo direta e pessoalmente a conduta das operações levou-o à vitória.

Os Planos do Corpo de Exército para o ataque ao maciço montanhoso onde estavam alojados os alemães previa o emprego de duas Divisões, conforme idéia do Gen. Mascarenhas. A valorosa 10a. Divisão de Montanha atacaria o flanco da posição, em Monte Belvedere, progredindo pela crista até Torraccia. No dia seguinte a FEB entraria ao seu lado e atacaria Monte Castelo.

Pediu o Gen. Hayes que, no primeiro tempo da manobra, os brasileiros executassem uma ação diversionária, enquanto sua tropa, valendo-se da escuridão da noite galgaria as íngremes encostas de Belvedere. E assim foi feito. A jornada de 21 de fevereiro assinalaria nossa vitória em Monte Castelo.

A duras penas chegamos ao topo da elevação que nos roubara tantas vidas, acabando de vez com a lenda de sua inexpugnabilidade. A participação do 1º Grupo de Caça da FAB, atacando os ninhos de resistência do inimigo com seus piquês audaciosos, foi empolgante e de grande valia. De Castelo a tropa brasileira seguia para La Serra, em renhidos combates. Na outra extremidade da frente prosseguiram nossas operações ofensivas para atacar e conquistar Castelnuovo, realizadas com pleno êxito.

Ocupando posições dominantes, depois desses combates, a Divisão prepara-se para a Ofensiva da Primavera. Duas reuniões se realizam para estudo das diversas missões. Caberia à Divisão brasileira a segurança do flanco do Corpo de Exército. Quando passam a palavra ao nosso General, Mascarenhas sugere que sua missão seja cumprida atacando Montese, a curta distância da

9 Mar. Mascarenhas de Moraes, **A FEB pelo seu Comandante.** 1a. edição, págs. 123 e 124, Progresso Editorial S.A. (SP).

qual havia seguras informações de fortes reservas inimigas. Surpreso indaga o Gen. Hayes, comandante da 10a. de Montanha: "Tem o comandante da divisão brasileira a certeza de tomar Montese?" ao que Mascarenhas, gracejando retruca: "Sim, tenho. Mas quero também saber se o Gen. Hayes tem a certeza de aproveitar o sucesso brasileiro sobre Montese." Assim falavam os dois chefes que, em poucos dias, desceriam, os Apeninos em perseguição ao inimigo batido. Lá em baixo, na planície os americanos prosseguiram para o rio Pó, enquanto nossa tropa foi orientada para oeste e travou os combates de Colléchio e Fornovo que redundaram no cerco e rendição da 148a. Divisão Alemã, dos remanescentes da 90a. Divisão Motorizada e da Divisão Bersagliere Itália. A 2 de maio, com a capitulação total do inimigo, cessam as operações militares. É o Dia da Vitória, na Itália.

A missão de ocupação durou até 20 de junho. Prepara-se para regressar à Pátria a Força Expedicionária Brasileira. Nos quase 400 km percorridos na Itália havia liberado cerca de 50 vilas e cidades, sofrido mais de 2.000 baixas e incorporado à História Militar Brasileira as vitórias de Camaiore, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Zocca, Colléchio e Fornovo, além da captura de 20.000 prisioneiros. Do Rio vem a ordem para licenciar toda a tropa, logo após a chegada ao Brasil. Aparentemente uma boa medida, escondia no fundo um golpe político. Era evidente que mais cedo ou mais tarde Getúlio Vargas ver-se-ia obrigado, pelas circunstâncias e conjuntura do após guerra, a entregar o poder. O militar mais forte e de maior prestígio era o que estava regressando com seus 25.000 homens. Bem poderia se constituir num obstáculo às pretensões dos que ambicionavam o poder ou nele desejavam perpetuar-se.

Não tinha ambições políticas o Gen. Mascarenhas. Mesmo se apercebendo do que lhe preparavam os politizados generais da retaguarda, não esboçou qualquer reação e deixou que sua tropa fosse pulverizada. Achava que seu compromisso era para com a FEB: seus feitos tinham que ser preservados e seus mortos trazidos de volta ao Brasil. Os que regressassem precisariam ser amparados. Seriam esses seus objetivos e lutaria por alcançá-los. Escreve "A FEB pelo seu Comandante". Batalha por uma legislação que proteja os veteranos. Empenha-se no repatriamento dos corpos daqueles que tombaram na Itália, começando pela construção de um Monumento que dignificasse sua memória e servisse para abrigar seus restos mortais. "Eu os levei para o sacrifício; cabia-me trazê-los de volta para receberem as honras e glórias de todos os brasileiros. . ."[10]

A seu pedido Getúlio Vargas nomeia, em 1952, a Comissão de Repatriamento dos Mortos do Cemitério de Pistóia. Oito anos depois, pronto o Monu-

---

[10] Mar. M. Moraes, op. cit. (Memórias), pág. 601.

mento Nacional, no Governo Juscelino Kubitschek, um Destacamento das Três Forças Armadas e as salvas dos navios de guerra e das fortalezas prestavam as últimas homenagens aos nossos heróis cujas urnas funerárias desfilavam acompanhadas pelas autoridades e pelo povo contrito.

Incompreendido e invejado Mascarenhas de Moraes, em 1946, despedira-se do Exército. Desde quando caíra no ostracismo e permanecera em casa, formara-se o que chamávamos o Pelotão de Defesa, um grupo constituído de seus comandados, amigos que nunca o abandonaram e mais se acercaram, amiudando suas visitas ao casal, na rua Ibituruna. O mais afeiçoado de todos nós e que o acompanhou até a morte chamava-se Eurico Capitulino de Barros, meu grande amigo. Orgulho-me de ter pertencido a esse grupo. Nascera no trabalho, nos contatos de serviço, minha admiração pelo velho soldado. Encontrara-me no Nordeste, no comando de uma subunidade; transferira-me duas vezes de guarnição; levara-me para comandar a Cia. do seu QG, unidade que realizou com sucesso a guarda, o transporte e a alimentação do Comandante da Divisão e de todo o Estado-maior, durante a campanha. Honrou-me com sua amizade e me deixou o precioso exemplo de uma vida inteiramente dedicada à Pátria.

Cinco anos decorridos, a Câmara dos Deputados e o Senado reunidos em Sessão Solene investiram-no no posto de Marechal do Exército e lhe fizeram entrega das insígnias, "sob os aplausos do Brasil inteiro", e o reverteram ao serviço ativo, até sua morte.

Volta a assumir funções militares sendo nomeado Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, subordinado diretamente ao Presidente da República.

Representa o Brasil na coroação da Rainha Elizabeth II, em Londres. Vai à Itália e percorre o Itinerário que havia seguido, durante a Guerra, com sua Divisão. Participa, como Delegado do Brasil, da X Conferência Interamericana, em Caracas. Após os acontecimentos político-militares de 1954, exonera-se de suas funções, não aceitando o convite do novo governo para permanecer na chefia do EMFA. Passa a freqüentar apenas o seu gabinete, no Ministério da Guerra, onde recebe seus comandados e as visitas de personalidades ilustres.

Aos 80 anos encerrava suas "Memórias", considerando, sua "missão cumprida". Morre. . . Não! Os Heróis não morrem.

A 17 de setembro de 1968, aos 84 anos, o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes deixa o serviço ativo do Exército.